

CASTIEL VITORINO BRASILEIRO: VISUALIDADES SOBRE GÊNERO E RAÇA

CASTIEL VITORINO BRASILEIRO: GENDER AND RACE VISUALITIES

Matheusa Moreira Nunes¹

Programa de Iniciação Científica - UFES

Larissa Fabricio Zanin

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O artigo apresenta reflexões sobre o trabalho “Corpo-Flor” de Castiel Vitorino Brasileiro, cuja produção artística tem se constituído em torno do debate sobre as relações de gênero e racialidade negra, de maneira a proporcionar novos rumos para a discussão da temática. A partir das visualidades presentes nas fotografias da obra “Corpo-Flor” e do diálogo com a artista sobre o trabalho em tela, pretendemos encontrar os modos como sua obra tem fomentado debates sobre questões étnicas e de gênero.

Palavras-chave: Castiel Vitorino Brasileiro, desobediência de gênero, decolonialidade, arte contemporânea.

Abstract: *The article presents reflections on the work "Corpo-Flor" of Castiel Vitorino Brasileiro, whose artistic production has been constituted around the debate on gender relations and black raciality, in order to provide new directions for the discussion of the theme. From the visualities present in the photographs of the work "Corpo-Flor" and the dialogue with the artist on the work on canvas, we intend to find the ways in which her work has fostered debates on ethnic and gender issues.*

Keywords: *Castiel Vitorino Brasileiro, gender disobedience, decoloniality, contemporary art.*

1 Trata-se de Matheusa, estudante que é não binária, ainda não retificada civicamente e que socialmente já utiliza este nome.

Introdução

Desafiar o modelo de como a sociedade se organiza parece uma demanda demasiadamente labiríntica, mas que vem sendo cumprida com êxito nos últimos anos. Diante disso, levantamos a questão: será que o *modus operandi* das sociedades acontece de maneira irreverente ou transmuta com o passar do tempo? Como é realizada essa, ou melhor, como são realizadas essas transmutações? Observando a linearidade e a normatividade da hegemonia, nota-se que é algo complexo e difícil de ser desestabilizado, considerando como existe e como funciona para as partes que realizam sua manutenção há tanto tempo.

Porém, quando retornamos ao passado e observamos as lutas de classes, raças e gênero, percebemos que as subversões das sistemáticas hegemonias opressoras como machismo, racismo e LGBTfobia, sempre existiram e perduram até hoje. No movimento antiescravagista, na luta pela conquista dos direitos femininos e LGBTs, pessoas que desacreditavam das ideologias que as violentavam, assumiram um compromisso contrário com a forma que a parte beneficiada e opressora da sociedade da época atuava e se organizava.

Nesse contexto de resistência e busca por outros lugares para além das violências do colonialismo e da escravidão, encontramos hoje nessas produções de Castiel Vitorino Brasileiro uma alternativa de ser e estar no mundo num corpo negro e/ ou dissidente de gênero, apresentando novas possibilidades que abrem portas para outros trajetos e comportamentos. É nesse outro lugar, um lugar de acolhimento para os traumas do racismo e das determinações sociais de gênero, uma espécie de caminho para a liberdade das subjetividades socialmente negadas, que

a artista nos faz perceber novos modos de existir, a partir dos discursos, denúncias e reorganização dos pensamentos e palavras presentes nas visualidades de seus trabalhos.

Para o aprofundamento da reflexão proposta, faz-se indispensável relacionar as produções destacar que o trabalho de Castiel Vitorino apresenta-se como um contra fluxo dentro da ordem da produção de pensamentos e da arte na sociedade atual: heterossexual-normativa-branca-cisgênera que, de maneira compulsória, visa silenciar e invalidar as experiências divergentes.

Entendemos como urgente a reivindicação contundente para o lugar de intelectualidade das corporeidades dissidentes de gênero e racializadas como negras, para que enfim seja possível viver, ainda que com a ferida aberta causada pela invasão colonial, uma alternativa para o gendramento dos espaços e corpos.

1. Corpos em Cena

A imagem da *negrura*² no Brasil foi delimitada por outros indivíduos, produzindo assim, identidades difusas nas quais o sujeito de pertencimento desta identidade, o sujeito negro, não se reconhece por ter sido exposto à orientações errôneas sobre o conceito geral de humanidade. A mesma violência opera na construção da identidade de gênero, na qual os corpos que subvertem a lógica de existência cisgênera e heterossexual são mantidos em estado de alerta e repulsa, pois não seguem e nem operam as demandas que foram socialmente estabelecidas para eles.

Quando observamos a arte como dispositivo estético-político que impulsiona

² A terminologia "negrura" é apresentada como alternativa linguística aos termos "negro" e "negritude" nas reflexões de Leda Maria Martins em seu livro "Performance do tempo espiralar" (2021).

discussões e, principalmente nos trabalhos de artistas negros/as nos quais o corpo é suporte, encontramos questionamentos, atravessamentos e interseccionalidades que acometem a corporeidade em contato com o mundo, tornando-se o centro do debate. Esses trabalhos, ao questionar o modo como é operada a negrura no Brasil contemporâneo, desvelam os discursos hegemônicos que ancoram a compreensão do sujeito negro que nos foi passada historicamente e permanece até os dias de hoje. Essa concepção compreende a alienação produzida pelo colonialismo, na qual o racismo objetificou os corpos negros, silenciou as narrativas africanas, implementando uma política de discriminação presente até os dias de hoje.

Como discurso propulsor de processos emancipatórios, faz-se necessário pensar como seriam as experiências estético-políticas e de vida das corporeidades dissidentes de gênero e racializadas como negras longe dos ideais hegemônicos-cisgêneros, sem ocupar a margem, como acontece rotineiramente, reiterando possibilidades dessas mesmas vidas na sociedade brasileira.

(...) e se, em vez de inteireza, da autoconsciência, da capacidade de autodeterminação e autoestima, houvesse um sentido de quebra que desloca efetivamente as posições inconformes à matriz cisgênera? E se essa sujeição inconsistente, esse modo de ser quebrado demais para traduzir-se em uma coerência identitária e representativa, qualquer que seja, insinuasse também uma forma de presença efetivamente desobediente de gênero? E se, às margens do grande nós universal (humano, branco, cisgênero e heteronormativo) a partir do qual se formula e engendra um certo projeto de sujeito e identidade, outros modos de criar coletividade e de estar juntas se precipitassem na quebra e através dela? E

as perguntas não param aí, se multiplicam: como habitar uma tal vulnerabilidade e como engendrar, nesse espaço tenso das vidas quebradas pela violência normalizadora, uma conexão afetiva de outro tipo, uma conexão que não esteja baseada na integridade do sujeito, mas em sua incontornável quebra?. (MOMBAÇA, 2021, p. 21-22).

Entender a desobediência como algo estratégico é também uma forma de reorganizar as corporeidades para longe do destino guiado pelo trauma colonial para a identidade das populações negras. Assim, artistas e autoras como Castiel Vitorino Brasileiro, Rosana Paulino, Nídia Aranha, Jota Mombaça, Leda Maria Martins dentre outras, vêm concretizando distanciamentos e desobedecendo a obrigatoriedade compreensão da própria história a partir de narrativas pré dispostas sobre o que é possível agir e contestar sobre as violências raciais e de gênero, apresentando assim, novas formas de lidar com a agonia pós experiências destas mesmas violências.

A concepção de um nova história, contata de dentro por artistas negros/as, a partir das experiências e dos corpos que vivem as marcas e os traumas do colonialismo, é um espécie de criação de novas memórias, de develamento das subjetividades apagadas pela dominação colonial. Nesse sentido, nos conta Chimamanda Ngozi Adiche,

Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de qualquer sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (2019, p.17)

As produções destas artistas constituem-se como uma alternativa de ser e estar no mundo num corpo negro e/ ou dissidente de gênero,

apresentando novas possibilidades que abrem portas para outros trajetos e comportamentos diante desta complexidade. Fazendo-nos perceber novos modos de existir, a partir dos discursos, denúncias e reorganização dos pensamentos e palavras presentes nas visualidades de seus trabalhos, como nos ensina Leda Maria Martins,

(...) detém o poder de fazer acontecer aquilo que libera em sua vibração. Na palavra são as divindades, os ancestrais, os iníquos, as rezas que curam, que performam o tempo oracular dos enigmas, o passado e o devir, o som que emite, transmite, esconde, desvela, escurece ou ilumina. Na palavra e nos cantos, os ancestrais são e assim como na palavra e nos cantos o tempo é. Daí a natureza numinosa e o poder aurático da palavra proferida. Nesses ambientes de linguagem, a palavra oralituzada adquire uma ressonância singular, investindo e inscrevendo o sujeito que a manifesta ou a quem se dirige em um ciclo de expressão e de poder. No circuito da tradição, que guarda a palavra ancestral, e no da transmissão, que a reatualiza e movimenta no presente, a palavra é sopro, hálito, dicção, acontecimento e performance do cantor/narrador e na resposta coletiva. A palavra oral existe no momento de sua expressão, quando articula a sintaxe contígua, através da qual se realiza, fertilizando o parentesco entre os presentes, os antepassados e as divindades. (2021, p. 93-94).

Ainda na esteira das reflexões de Leda Maria Martins, a essa corporeidade denominaremos “Corpo Tela”, ou seja,

O corpo, assim instituído e constituído, faz-se como um copo-tela, um corpo imagem, acervo de um complexo de alusões e repertório de estímulos e argumentos, traduzindo certa geopolítica do corpo: o corpo polis, o corpo das temporalidades e espacialidades, o corpo gentrificado, o corpo testemunha e de registros. Um corpo historicamente conotado, que personaliza

as vozes que denunciam e nomeiam o itinerário de violências de nossa rotina cotidiana, mas que, sem tréguas, escavam vias alternativas para uma outra existência, mais plena e cidadã. Um corpo/voz inventário que limpa, restabelece, restitui, reivindica, respira e inspira, em perene processo de cura, escavando vias alternas de outros devires possíveis, sempre desejoso de transformações do corpus social. (2021, p.162)

Como um dos objetivos deste artigo, destacamos o interesse em desmontar algumas das ações malignas do colonialismo que ocasionaram as produções de identidades difusas, resgatando através de uma identidade negra-contemporânea, uma episteme da ancestralidade negra e assim corroborar para construção de posturas efetivas e emancipatórias para os traumas coloniais. Para tanto, nos debruçamos sobre a obra “Corpo-Flor” do artista capixaba Castiel Vitorino Brasileiro, na qual o corpo constitui-se como “corpo-tela”.

É perceptível que o trabalho e vida de Castiel Vitorino Brasileiro tem criado métodos seguros para a reorganização da fórmula de operar o fazer-pensar artístico, mas é importante observar que, sobretudo, inspiram novas maneiras de viver a vida para sujeitos racializados como negros e também categorizados como dissidentes de gênero. Aqui, interessa-nos perceber a autonomia do corpo negro-dissidente-de-gênero, que é reconstruída ao utilizar outros elementos não humano, não brancos, atrelados ao corpo que, como tela e de maneira rizomática, cria, recria, conecta, tensiona e emancipa meios de viver a humanidade, sem regras prévias pré estabelecidas e, de maneira ardilosa, invocando sempre um corpo decidido a não manter-se rendido.

2. Corpo-Flor

Corpo-Flor não se constitui somente como uma série de fotografias nas quais a artista utiliza novos símbolos visuais para concretizar uma narrativa mas também, diz respeito ao afastamento das convicções que a hegemonia ensinou sobre humanidade. O projeto trata da necessidade de incorporar o desejo pela ausência de ideais socialmente estabelecidos sobre o corpo e constrói novos olhares sobre o passado-presente-futuro da negrura brasileira, o conceito de humanidade, corporeidade e estética.

Neste artigo, não pretendemos tecer reflexões apenas a partir de nossas próprias percepções sobre o trabalho. Para não incorrerem em equívocos conceituais ou contarmos uma história de outro/a por outro/a que não seu próprio autor, a análise do trabalho se constrói, principalmente, a partir do diálogo com a própria artista, realizado por meio de uma entrevista.³

“Corpo-Flor” é uma obra na qual o corpo-tela coloca em pauta questões de gênero e racialidade, apresentando ao público um sujeito múltiplo, cuja identidade reflete as influências dos trânsitos diaspóricos e também das concepções socialmente determinados sobre gênero que condicionam a existência humana ao sexo biológico. Tornando possível utilizar, através deste imenso projeto, o corpo como debate, percebemos a série de trabalhos fotográficos “Corpo-Flor” como sendo uma pesquisa ação em permanente construção, conforme afirma a artista:

Corpo-Flor é uma pesquisa, um projeto, uma série de trabalho em fotografia que vai

perdurar durante toda minha vida. O jeito que decidi nomear uma promessa que fiz a mim mesma: continuar transmutando num hibridismo radical com vidas de outros reinos e mundos. Porque sempre que Corpo-Flor aparece, há uma nova aparência, uma nova mistura de signos, símbolos, cores, texturas, caretas, olhar, porque Corpo-flor é uma fagulha de mim que eu criei para me fazer lembrar de que posso sempre assumir formas de viver e estar não previstas por mim ou a mim. essa promessa de dar continuidade às minhas transfigurações da carne... nas imagens eu registro momentos de medo, dor, coragem, raiva, tesão dessa promessa.... e criar essas imagens são rituais que me dão energia para continuar minhas perambulações entre no mundo dos vivos e mortos. Em 2021 se completam 6 anos de Corpo-Flor. Criei quando não conseguia explicar o que estava acontecendo em mim. Gêneros...músculos... temperaturas... Continuo fazendo porque descobri o prazer em não ser entendida. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)⁴

Quando nos relacionamos com o tempo, firmamos um compromisso com o passado e assumimos a responsabilidade com o caminho a ser seguido com o presente-futuro, o que é compreendido pela hegemonia como desobediência e desordem, aqui vamos elaborar enquanto liberdade. Para além de “Corpo-Flor”, como aqui já compreendemos como desígnios acima citados, a obra “No antiquário eu negocieie o tempo”, série fotográfica realizada no 1º Programa de Residência Artística do Valongo, na cidade de Santos, São Paulo em 2018 a violência racial é percebida no momento em que Castiel, ao visitar um antiquário, enquanto participava da Residência, se interessa por máscaras “africanas” e o proprietário tenta convencê-la que foram produzidas por uma africana e dadas

3 A entrevista com a artista Castiel Vitorino Brasileiro foi realizada pela estudante de iniciação científica Matheusa Moreira Nunes em agosto de 2022, a quem cabe toda a autoria das transcrições.

4. Todas as citações que remetam à entrevista com a artista, serão referenciadas ao logo do capítulo “Corpo-Flor” como “(CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)”.



Figura 1.
No Antiquário eu
negocieie o tempo
– Castiel Vitorino
Brasileiro (Série
fotográfica) 2018.
(Fonte: [https://
castielvitorinobrasileiro.
com/_foto_antiq](https://castielvitorinobrasileiro.com/_foto_antiq),
acesso em outubro de
2022)

a ele como presente.

Entretanto, as máscaras tinham sido produzidas por crianças numa oficina de arte com papel machê. A lógica violenta é posta a mesa no momento em que o suposto passado africano, contado por um indivíduo branco é constituído de mentira, realizando a manutenção da colonialidade. O escambo, não foi mais uma vez desproporcional, a artista conseguiu desmontar o trauma colonial e restituiu sua história ancestral, renegociando a cronologia. Enquanto o proprietário ganhou apenas dinheiro, Castiel ganhou o que aqui consideramos tempo e conquistou artifícios necessários para repensarmos o passado de indivíduos racializados enquanto negros no Brasil.

A experiência do antiquário em Santos apontando para a permanência da colonialidade traz para a artista a possibilidade de repensar sua ancestralidade africana Bantu a obra "No antiquario eu negocieie o tempo". Também com "Corpo-Flor", a artista afirma poder encontrar outras vidas na prática de se deslocar entre idas e vndas para a ilha deVitória,

No entanto, ao longo desses seis anos de obra, fui percebendo que algumas camadas de minha vida mudaram de rota, e Corpo-Flor se tornou uma nomenclatura que mais designa uma espécie do que um nome que diz respeito apenas a uma só vida. É neste momento que eu decidi apostar na indescritível, após inúmeras idas e vinda a

Ilha de Vitória. Ou seja, foram esses vários momentos de deslocar da ilha, e conhecer outros mares e continentes, foram essas viagens, por muitas vezes forçadas, tristes, e também felizes, inesquecíveis, que me possibilitaram construir um sonho: encontrar com as outras vidas que compõem essa ontologia Corpo-Flor. Encontrar essas pessoas tem sido emocionante, porque é muito bonito acompanhar como que, mesmo sendo modificadas por mim, tendo seu corpo modificadas pelo meu desejo, ainda assim existe algumas particularidades estéticas e gestuais que prevalecem durante o momento de incorporar Corpo-Flor. Perceba nas fotos. Isso é incrível, isso é liberdade. Poder transfigurar a matéria negra, e relembrar que a transfiguração é a única certeza, é a mais poderosa verdade, pois é só ela que possui o poder de encerrar com a história da racialização em nossas vidas. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

O debate sobre a ancestralidade e os encontros com a própria história como modo de "encerrar com a história da racialização em nossas vidas", coforme nos aponta a artitsa, estão presentes na imagen a seguir na qual podemos observar símbolos e grafias inseridas no corpo da modelo e da artista que não são legíveis da maneira que convencionalmente fomos introduzidos após a colonização.

A compreensão de um novo mundo imagético apresentado abaixo prevê uma outra ordem, um novo desígnio. Talvez essa seja a maior reorganização que Corpo-Flor

Figura 2.

Corpo-Flor - Castiel Vitorino Brasileiro (Série fotográfica) 2016 - até hoje. (Fonte: https://castielvitorinobrasileiro.com/foto_corpoflor, acesso em outubro de 2022). Realizada com incentivo da Bolsa de Fotografia ZUM/IMS 2021, durante fevereiro de 2022 em Vitória-Espírito Santo



reverbera, ultrapassando as ideias de “belo” e “feio”, as fotografias contam uma história que não é palpável ao que compreendemos como humanidade, estética e liberdade, como afirma Castiel em entrevista

Então eu trabalho muito para recriar a estética moderna que foi construída para nossos corpos, né: que é uma estética de hiper sexualização, de animalização, marginalização, empobrecimento. E no Corpo-Flor eu reconfiguro nossa presença em outras histórias. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

Considerando a complexidade da obra e a importância do diálogo estabelecido com a artista, seguiremos com as transcrições da entrevista realizada que compreende uma construção conjunta dos sentidos e significações que “Corpo-Flor” apresenta para o público.

Ao questionarmos à artista sobre “Como

elaborar discursos que se tornem autônomos quando se produz arte na produção da arte? Como você percebe o Corpo-Flor como discurso autônomo na produção de uma obra visual? Como você consegue construir posturas libertárias nessa produção? Como você vê as posturas libertárias na construção do Corpo-Flor?”, Castiel Vitorino elucida,

A liberdade é uma palavra muito cara para mim é muito importante para a gente estudar porque a gente vive num contexto que é o Brasil, que a liberdade está associada à alforria. Nossas ideias de liberdade são escravocratas. Ou seja, a gente anseia por uma liberdade a partir do desejo do outro, e da ajuda do outro. Mas não qualquer outro, a gente deseja essa liberdade que vem a partir da branquitude e também da cisgenderidade, no caso. Então, essa ideia de senhor e escravo permanece no nosso contexto brasileiro. E a obra Corpo-Flor caminha para pensar a liberdade, não só pensar, mas

para construir, momentos percíveis de liberdade como a própria transmutação, a transfiguração. Então eu retiro a liberdade como um momento de esperar pelo outro, pela branquitude e cisgeneridade nos dar alguma coisa, nos dar oportunidade e passo a entender a liberdade a partir da transfiguração desta história, inclusive. Por isso que Corpo-Flor é uma obra que desde o início - foi uma promessa, como digo - sempre que Corpo-Flor aparecer novamente, ele vai ser diferente da estética anterior, da imagem anterior. E para mim isso é liberdade: poder mudar e criar o repertório de mudança. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

Sobre a liberdade estética para a criação do trabalho, questionamos: "Então você pensa no Corpo-Flor como a constituição de uma liberdade estética, de uma liberdade visual, palpavelmente?"

Sim, pois no Corpo-Flor trabalho apenas com pessoas negras e indígenas. Então eu trabalho muito para recriar a estética moderna que foi construída para nossos corpos, que é uma estética de hipersexualização, de animalização, marginalização, empobrecimento. E no Corpo-Flor eu reconfiguro nossa presença em outras histórias. (CASTIEL VITORINO

Figura 3.
Corpo-Flor – Castiel Vitorino Brasileiro (Série fotográfica) 2016 – até hoje. (Fonte: https://castielvitorinobrasileiro.com/foto_corpoflor, acesso em outubro de 2022). Realizada com incentivo da Bolsa de Fotografia ZUM/IMS 2021, durante fevereiro de 2022 em Vitória-Espírito Santo



BRASILEIRO, 2022)

Considerando que as imagens produzidas provocam saberes, revelam e propõem sentidos e valores, perguntamos “Quando você constrói outras visualidades, você as entende ainda como humanidade, enxergando a humanidade a partir de outros valores? Corpo-Flor reconstitui humanidade através de outra visão?”

Sim, porque eu estou trabalhando com nossa espécie, com pessoas. Talvez chegue em algum momento em que eu trabalhe com outras espécies, com cobras, com borboletas no Corpo-Flor. Mas neste instante estou trabalhando com nossa espécie, com nossa história. E mesmo que minha obra, a sua obra, elas trabalhem dizendo para ultrapassar o local da humanidade, não é só um caminho que minha obra constrói. É também um caminho de reconstruir sim a humanidade, colocar outros parâmetros dentro desta humanidade. Mas veja: tem um problema maior, que nunca fomos consideradas humanas. Acho que não é reconstruir essa ideia branca de humanidade, mas é construir de fato um outro local, radical. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

Sobre a condição do sujeito/a negro/a e toda a desumanização histórica que escravidão construiu, questionamos: “Acho que é retomar o que foi conhecido como humano, mas negado a nós. Então não seria uma reconstrução e sim a retomada de um saber, que constitui humanidade, estética?”

Sim, por que o que é humano? A vida, a pessoa... A própria categoria de pessoa, ou seja: o que é uma pessoa? É a possibilidade de você pensar, racionalizar, decidir, se emocionar, ter autonomia, ser capaz de agir, decidir, ser livre em suas decisões, ter proteção, é ser o sujeito de direitos. Então de vários modos, sim, eu reivindico estes locais. Mas não só reivindico para uma branquitude cisgênera, mas o que estou fazendo é assim: independente se vocês

acham que é ou não, isto já está acontecendo. Outras ideias de humanidade. Outras ideias de ser. Outras ideias de espírito, alma e tudo mais. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

“Então a ruptura já é uma coisa planejada quando você propõe o Corpo-Flor. É a mesma coisa desde que você começou o projeto?”

Por exemplo, se você for olhar algumas obras, tem uma coisa do Corpo-Flor que é muito forte o olhar. Então tem muitos olhares tristes. Se você for analisar. E tem outros olhares que já são amedrontados, olhares que são olhares meio vazios e também que são olhares de embate e Corpo-Flor está sempre olhando para a câmera, para o telespectador. E eu acho que isso é sensibilizar a humanidade diz respeito a sensibilidade também. E ao longo do tempo, com certeza mudam as coisas, porque eu mudo, as pessoas mudam. E é essa proposta do Corpo-Flor: poder cartografar essas mudanças e também propor mudanças. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

Quando pensamos na construção social acerca de humanidade não atrelada aos ideais já pré-dispostos, acreditamos ser necessário questionar o abandono dessas dimensões, ainda em vida? “Como operar a própria despedida? O Corpo-Flor começou com você e vem tomando outras dimensões, outras proporções, outras pessoas vêm sendo visualizadas também nessa mesma ideia de humanidade na nova humanidade. Como você conseguiu firmar essa necessidade de despedida?”

Eu acho que radicalmente é porque eu quero ter uma morte saudável. Eu quero morrer bem. É assim que a gente vive no contexto de mortificação e de violência e de violência cotidiana, de violência explícita. A gente vive num país e em ruas, onde de madrugada a gente corre o risco letal de ser assassinada pela polícia. Isso não é teoria, apenas é uma realidade mesmo. Então eu comecei, senti e enfim eu também fui criada pelos meus avós. Eu vi a geração do meu avô falecendo.

E a morte sempre esteve presente em mim e em nós. E o que se depara com a morte a todo instante. E eu tive proximidade com a população idosa, sempre gostei de conviver com essas pessoas. E eu fui começando a criar esse desejo para essas pessoas: “Nossa, quero que essa pessoa morra bem, de velhice...” E aí eu fui entendendo também o que eu quero para mim. Então eu acho que Corpo-Flor e não só corpo-flor, como em toda minha obra, ela se sustenta por um desejo de manter uma ancestralidade no futuro. E o Corpo-Flor é um preparo para isso que você chama de abandono, que é o abandono de ida, e de caminhada, de deslocamento, que pode ser o deslocamento que eu faço agora mesmo, saindo de Vitória da minha cidade natal, mas também a própria despedida, mesmo da morte. Então, acho que radicalmente é isso. E uma vez me preparando para me afastar e voltar assim que eu quiser. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

Partindo do desejo de um fim de vida pacífico e do anseio por essa mesma vida não ser interrompida por terceiros, como ocorria nas violências coloniais e mantidas até hoje, que é feito o questionamento sobre “o desejo de um bom presságio.”

Isso, profundo. É importante dizer que Corpo-Flor agora está no momento de construir sua matilha, as últimas fotos que fiz foi em Maranhão e em Vitória, com outras pessoas. E foi inédito isso, comecei com Maxuel e depois fiz com outras pessoas. E isso é muito fundamental e importante para mim. (CASTIEL VITORINO BRASILEIRO, 2022)

3. Considerações Finais

A reorganização do pensamento e a elaboração de uma nova história para além daquelas determinadas pela hegemonia ocidental sobre a colonização e a escravatura é o caminho principal para que possamos imaginar novas saídas para as experiências de violência racial e de gênero para além dos discursos que

digam o quão dolorosos são esses traquejos. É nesse sentido que “Corpo-Flor” se apresenta para o público como uma possibilidade, uma caminho alternativo para o indizível, sendo o indizível uma perspectiva de vida distante de aporias para corpos racializados como negros e dissidentes de gênero.

O trabalho artístico de Castiel Vitorino não pretende estabelecer um compromisso de ressarcir as histórias das vidas negras e dissidentes no Brasil, mas sim, compreender como conduzir a cura das feridas que ficaram permanentemente abertas após o despertar do coma colonial e do gendramento.

Reinvindicando uma outra via para ordem da produção de pensamentos e da arte na sociedade atual predominantemente heterossexual-normativa-branca-cisgênera, que de maneira compulsória, visa silenciar e invalidar as experiências divergentes, “Corpo-Flor” e outras obras de artistas cuja temática da racialidade e de gênero estão em pauta, constitui-se como alternativa para que corporeidades dissidentes de gênero e racializadas possam sobreviver à ferida aberta causada pela invasão colonial e do gendramento dos espaços e corpos.

Referências

ADICHE, Chimamanda Ngozi. O Perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Jandaíra, 2020.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual – proposta para uma nova narrativa educacional. Porto Alegre: Mediação, 2007.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar, práticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MOMBAÇA, Jota, 1991. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

Matheusa Moreira Nunes

<https://orcid.org/0000-0003-3963-4417>

Matheusa Moreira Nunes(1998) discute em seu processo artístico o que perpassa seu próprio corpo: a negrura, a não binaridade e os sentimentos que essas experiências ocasionam. Como pesquisadora também desenvolve estudos sobre o gendramento e a etnia. Em sua atuação na cultura, a artista mescla sua produção intelectual e prática, resultando em obras expostas presencial e virtualmente. Em sua trajetória, esteve em espaços como Casa Porto das Artes Plásticas, Galeria de Arte e Pesquisa, Casa de Cultura da América Latina e PPGACL - UFJF. Recentemente, recebeu o prêmio de edital da Secretaria de Cultura do ES para desenvolver a Residência Tempo de Mar em parceria com a artista Jaíne Muniz no período entre Março e Julho de 2023.

Email: moreiramatheusa586@gmail.com

Larissa Fabricio Zanin

<https://orcid.org/0000-0002-6465-1326>

Possui graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo (2004), mestrado em História (2007) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2012). Atualmente é professora adjunta do departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, pesquisadora da GEPEL e Diretora do Centro de Artes. Foi tutora do Programa de Educação Tutorial Conexões Cultura de 2015 à 2020. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Semiótica, Cultura Visual, Fotografia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de artes, cultura visual, identidade e subjetivações.

Email: Larissa.zanin@ufes.br